

*morte do Presidente Getúlio Vargas, braço forte do Brasil.*" A grande floração do cordel getulliano — observa Orígenes Lessa — é exatamente nos anos de desfavor.

Muito oportuna foi a inclusão no livro, à guisa de introdução, do estudo do próprio Orígenes sobre literatura de cordel, publicado em 1955 na revista *Anhembi* (n. 61), que estava de há muito exigindo republicação. *Getúlio Vargas na literatura de cordel* é livro de grande utilidade pela análise e informações que contém sobre cantadores, literatura popular, sobre o ciclo de Getúlio Vargas e, particularmente, por ter reunido tão elevado número de folhetos referentes ao mesmo. — BRAULIO DO NASCIMENTO.

MELLO, Maria Conceição D'Incao e — *O Bóia-fria: acumulação e miséria*. Vozes, Petrópolis; FFCL, Presidente Prudente, 1975, 154 pp.

A Sociologia contemporânea brasileira já tem se preocupado com o problema da marginalidade social. H. Jaguaribe, L. Pereira, Maria C. Paoli e outros cientistas sociais já publicaram alguns resultados de suas pesquisas sobre o tema. Surge agora com a Editora Vozes o trabalho de doutorado da Profa. Maria Conceição D'Incao e Mello, da FFCL, de Presidente Prudente, sobre o "bóia-fria" — elemento social inserido na economia rural da Alta Sorocabana. Esta região se caracteriza pela "predominância progressiva da pecuária extensiva sobre a agricultura, fato que sugere a existência de um acentuado "êxodo rural", pela incipiente industrialização "fato que permitia prever uma precária absorção, pela economia urbana, das populações que migravam para as cidades".

Elaborando o conjunto teórico referente à marginalização social, a autora se propôs a focar o diarista do meio rural também conhecido como bóia-fria dentro do seguinte esquema: 1. As populações marginais da Alta Sorocabana são geradas pela evolução do Sistema de economia capitalista no meio rural. 2. A evolução do Capitalismo no meio rural se faz de modo a excluir grandes parcelas da população do processo global de produção. 3. Estes contingentes de população, liberados da economia rural, localizam-se nas cidades, na condição de ofertantes no mercado de trabalho. 4. O engrossamento das fileiras dos ofertantes de força de trabalho, nas cidades da Alta Sorocabana, permite uma alteração no sistema de exploração de força de trabalho na economia rural, de modo a garantir condições mais vantajosas para os detentores dos meios de produção: o trabalho do "bóia-fria". 5. A possibilidade de contar com o trabalhador "bóia-fria" na economia rural acelera o processo de engrossamento das populações "marginais" na Região, através da substituição do trabalhador estável no campo pelo trabalhador volante. 6. Esta contradição estrutural entre os interesses do grupo dominante — empresários rurais — e os do grupo dominado, — os bóias-frias —, responde pela existência histórica de um potencial negador do sistema na prática do "bóia-fria". (p. 31). Eis aí o núcleo desta tese da ilustre professora.

Como técnica de pesquisa a autora utilizou a entrevista, abrangendo estas quatro partes: 1. pequena história de vida do informante; 2. reconstrução de suas condições de trabalho; 3. condições de trabalho relacionadas a condições de vida, e 4. avaliações relativas ao presente e expectativas do futuro. (p. 33).

Para uma visão sociológica do tema abordou a estrutura fundiária, a exploração da força de trabalho em suas variadas formas e a conseqüente migração campo-cidade, (pp. 39-84).

Constata a autora que dentro de seu esquema teórico de referência, a "existência, nas cidades da Alta Sorocabana, de uma população desempregada ou trabalhando parcialmente, vem atendendo aos requisitos de acumulação de capital, na economia rural da região". "O bóia-fria" é a afirmação do sistema capitalista, atendendo aos interesses da acumulação de capital, na medida em que é ofertante de força de trabalho, como membro da população relativa. A presença do bóia-fria favorece o empregador, pois há no meio rural um excedente da oferta de força de trabalho, em relação à demanda, e isto em situação permanente.

As condições de trabalho variam conforme a distância e o número de volantes a ser transportado. A precariedade e a exploração do bóia-fria são bem descritas sob o título de Condições de Vida. (pp. 109-115).

A acumulação do proprietário é a miséria do volante. Esta consolida o crescimento de seu capital constante, desenvolvendo a tendência a uma estrutura latifundiária, que, por sua vez, resulta na liberação de mão-de-obra no meio rural. Até o Estatuto do trabalhador rural é alegado por empresários como responsável pela exploração do trabalhador do campo. A autora exemplifica e demonstra esta dupla face do Estatuto na mão do proprietário.

Embora ultrapassando os limites restritos do trabalho, a autora chega a tocar na possibilidade de transformações sociais que venham a alterar as próprias condições de ação dos grupos dominados, como uma "tentativa" de apreender o potencial negador do sistema, na práxis de um grupo concretamente definido — o bóia-fria — num momento em que não há condições para que ele ganhe autonomia necessária à sua manifestação como força social". (p. 133).

Terminando o trabalho, encontramos a conclusão que "a ampliação das relações de produção do meio rural, feita pela expansão da agricultura comercial, às expensas da agricultura de subsistência, se faz acompanhada, de um lado, da concentração da propriedade fundiária e, de outro, da substituição dos sistemas de exploração da força de trabalho com remuneração total ou parcialmente "in natura" (arrendamento, parceria ou agregados), pelo sistema de remuneração monetária (trabalhadores assalariados)". (p. 148). A concentração da renda agrícola é então uma decorrência inevitável.

Livro cujo rigor metodológico se faz notar pelo permanente retorno ao esquema teórico delineado numa visão marxista do problema estudado. A técnica da entrevista e a análise e interpretação dos dados se atêm sempre dentro do objetivo proposto. Tudo isto nos leva a indicar tal leitura aos estudiosos dos problemas rurais brasileiros, entre os quais apontamos, marginalidade, êxodo rural, desemprego e sub-emprego e a concentração da propriedade fundiária. — JANUÁRIO FRANCISCO MEGALE.

PEBAYLE, Raymond — *Éleveurs et agriculteurs du Rio Grande do Sul (Brésil)*. Lille Université de Lille III, 1974, 744 pp.

Logo ao primeiro contato com a obra o leitor se apercebe estar diante de um trabalho de grande envergadura. Trata-se de uma tese de doutoramento de Estado apresentada à Universidade de Paris I, em maio de 1974, após dez anos de exaustivo trabalho de campo e de gabinete, durante os quais o pesquisador se entrega de corpo e alma à investigação geográfica do mundo rural gaúcho.

Na introdução da obra, o autor apresenta as condições do meio natural do estado sul-riograndense procurando enfatizar os contrastes do relevo, clima, vegetação e ocupação do solo que caracterizam a área.

Na primeira parte, em que focaliza *Les hommes de la prairie: les éleveurs gauchos*, faz um paralelo entre o *estancieiro* (criador da fronteira) e o *fazendeiro* (criador das terras altas). Apresenta um retrospecto do povoamento do Sul através da criação de gado detendo-se na análise das mutações que marcaram o mundo rural gaúcho a partir de 1893.

Em *Les hommes de la forêt: les colons*, que constitui a segunda parte do trabalho, R. Pebayle trata da colonização dirigida por iniciativa oficial, com a introdução de colonos de origem européia que caracterizou o povoamento das áreas florestais serranas do Estado. Reveste-se de especial interesse o balanço atual que o autor apresenta sobre os resultados da colonização.